

JED RUBENFELD

O INSTINTO DE MORTE

Tradução
GEORGE SCHLESINGER

**B I
B I
B I
B I**

Copyright © 2010 by Jed Rubenfeld

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The death instinct

CAPA Rodrigo Maroja

FOTO DE CAPA Bettmann/ Corbis (DC)/ Latinstock

PREPARAÇÃO Cica Caropreso

REVISÃO Juliane Kaori e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rubenfeld, Jed

O instinto de morte / Jed Rubenfeld ; tradução George Schlesinger. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2012.

Título original: The death instinct.

ISBN 978-85-65530-03-3

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Título.

12-05762

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana 813.0872

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

PARTE I

1

A morte é apenas o início; depois vem a parte difícil.

Há três maneiras de se conviver com a morte — para que se mantenha o terror dela à distância. A primeira é a supressão: esquecer que a morte vem; agir como se ela não viesse. É o que a maioria de nós faz o tempo todo. A segunda é o oposto: *memento mori*. Lembrar-se da morte. Mantê-la o tempo todo na mente, pois com certeza a vida não pode ter sabor melhor do que quando um homem acredita que hoje é seu último dia. A terceira é a aceitação. Um homem que aceita a morte — que realmente a aceita — não teme nada e assim adquire uma equanimidade transcendente diante de qualquer perda. Todas essas três estratégias têm algo em comum. São mentiras. O terror, ao menos, seria honesto.

Mas existe uma outra, uma quarta maneira. É uma opção inadmissível, um caminho do qual nenhum homem pode falar, nem para si mesmo, nem na quietude de seus pensamentos. Essa maneira requer que não haja esquecimento, que não haja mentira, que não haja prostração no altar do inevitável. Tudo o que ela exige é instinto.

Ao meio-dia de 16 de setembro de 1920, os sinos da Trinity Church começaram a badalar, e, como que impulsionadas por uma mola única, portas se escancararam por toda a Wall Street, liberando, para sua preciosa hora de almoço, escriturários e mensageiros, secretárias e estenógrafas. Eles se deram pelas ruas, fluindo no meio dos carros, fazendo fila em suas barracas favoritas, ocupando em um instante a movimentada intersecção entre as ruas Wall, Nassau e Broad, uma intersecção conhecida no mundo financeiro como a Esquina — simplesmente isso, a Esquina. Ali ficava o Tesouro dos Estados Unidos, com sua fachada de templo grego, guardada por um régio George Washington de bronze. Ali ficava a Bolsa de Ações de Nova York. Ali, a fortaleza abobadada do banco J. P. Morgan.

Em frente ao banco, uma velha égua baia batia com os cascos nos paralelepípedos, atada a uma sobrecarregada carroça coberta de juta — sem condutor e bloqueando o tráfego. Atrás dela, as buzinas soavam irritadas. Um corpulento chofer de praça saiu de seu veículo, braços erguidos num

apelo cheio de razão. Ao tentar repreender o cocheiro, que não estava lá, o chofer de praça foi surpreendido por um som estranho e abafado vindo do interior da carroça. Pôs o ouvido na capota e ouviu um som inconfundível: um tique-taque.

Os sinos da igreja deram as doze badaladas. Com a nota final e sonora ainda ecoando, o chofer, agora curioso, puxou um dos cantos da capota devorada pelas traças e olhou o que havia por baixo. Nesse momento, entre as milhares de pessoas que se atropelavam, quatro sabiam que a morte transbordaria na Wall Street: o chofer de praça; uma mulher ruiva bem a seu lado; o desaparecido cocheiro da carroça; e Stratham Younger, que, a cinquenta metros de distância, forçou um detetive de polícia e uma jovem francesa a se ajoelharem.

O chofer de praça sussurrou: “Que Deus tenha misericórdia”.

A Wall Street explodiu.

Duas mulheres que um dia já foram melhores amigas, quando se encontrarem novamente, depois de muitos anos, irão chorar de incredulidade, abraçar-se, reclamar e imediatamente colocar em dia as partes que faltam de suas vidas, pintando-as uma para a outra com toda a cor e vividez de que são capazes. Dois homens, nas mesmas condições, não têm absolutamente nada a dizer.

Às onze horas dessa manhã, uma hora antes da explosão, Younger e Jimmy Littlemore apertaram-se as mãos no Madison Square, três quilômetros ao norte de Wall Street. O dia estava excepcionalmente bonito para a época, o céu, de um azul transparente. Younger pegou um cigarro.

“Já faz um bom tempo, doutor”, disse Littlemore.

Younger bateu o cigarro, acendeu, assentiu.

Ambos estavam na casa dos trinta, mas tinham físicos diferentes. Littlemore, um detetive do departamento de polícia de Nova York, era o tipo de homem que se misturava facilmente. Tinha altura mediana, peso mediano, cor de cabelo mediana; até mesmo seus traços eram medianos, um misto de expansividade americana com boa saúde. Younger, ao contrário, chamava a atenção. Era alto, movia-se com facilidade, sua pele era um pouco curtida, tinha as imperfeições que as mulheres geralmente gostam num rosto. Em suma, a aparência do médico era mais chamativa que a do detetive, porém menos amigável.

“Como vai o trabalho?”, perguntou Younger.

“O trabalho vai bem”, respondeu Littlemore, com um palito de dentes dançando entre os lábios.

“A família?”

“A família vai bem.”

Havia outra diferença igualmente visível entre eles. Younger tinha lutado na guerra; Littlemore, não. Younger, deixando para trás sua prática médica em Boston e suas pesquisas científicas em Harvard, alistara-se imediatamente após a guerra ter sido declarada em 1917. Littlemore também teria se alistado — se não tivesse uma esposa e tantos filhos para sustentar.

“Que bom”, disse Younger.

“Então, você vai me contar”, perguntou Littlemore, “ou vou ter que arrancar de você com um pé de cabra?”

Younger tragou. “Pé de cabra.”

“Você me chama depois de todo esse tempo, diz que tem algo para me contar e agora não vai me dizer o que é?”

“Foi aqui que fizeram a grande parada da vitória, não foi?”, perguntou Younger, olhando ao seu redor pelo Madison Square Park, com sua folhagem, monumentos e fonte ornamental. “O que aconteceu com o arco?”

“Derrubaram.”

“Por que os homens estavam tão dispostos a morrer?”

“Quem estava?”, perguntou Littlemore.

“Não faz sentido. Do ponto de vista evolucionário.” Younger olhou de volta para Littlemore. “Não sou eu quem precisa falar com você. É Colette.”

“A moça que você trouxe da França?”

“Ela deve chegar em um minuto. Se não estiver perdida.”

“Qual é a aparência dela?”

Younger pensou no assunto: “Bonita”. Um instante depois acrescentou: “Aí está ela”.

Um ônibus de dois andares havia parado por perto, na Quinta Avenida. Littlemore se virou para olhar; o palito quase caiu de sua boca. Uma moça trajando um leve casaco militar vinha descendo pela escada espiral externa. Os dois homens a receberam quando saltou do ônibus.

Colette Rousseau deu um beijo em cada face de Younger e estendeu um braço esguio para Littlemore. Tinha olhos verdes, movimentos graciosos e um longo cabelo escuro.

“Prazer em conhecê-la, senhorita”, disse o detetive, recobrando-se resolutamente.

Ela o fitou. “Então você é o Jimmy”, respondeu, deixando-o à vontade. “O melhor e mais corajoso homem que Stratham já conheceu.”

Littlemore deu uma piscada. “Ele disse isso?”

“Eu também disse a ela que suas piadas não têm graça”, acrescentou Younger.

Colette voltou-se para Younger: “Você devia ter vindo para a clínica de rádio. Eles curaram um sarcoma. E um rinoscleroma. Como pode um hospitalzinho na América ter dois gramas inteiros de rádio, quando não há um único grama na França?”.

“Eu não sabia que rinos têm aroma”, disse Littlemore.

“Que tal almoçarmos?”, propôs Younger.

Apenas alguns meses antes de Colette descer do ônibus, um monumental arco triplo havia coberto a Quinta Avenida inteira. Em março de 1919, enormes multidões saudaram aos gritos os soldados que regressavam ao lar e desfilavam sob um arco do triunfo romano, erigido para celebrar a vitória da nação na Grande Guerra. Faixas rodopiavam, balões voavam, canhões saudavam e — uma vez que a Proibição ainda não viera — rolhas espocavam.

Mas os soldados recebidos como heróis acordaram no dia seguinte apenas para descobrir que a cidade não tinha empregos para eles. O *boom* dos tempos de guerra sucumbira ao colapso pós-guerra. As fervilhantes fábricas lacraram suas janelas com tábuas. Lojas fecharam. A atividade de compra e venda estagnou. Famílias foram jogadas na rua sem ter para onde ir.

O Arco da Vitória era para ter sido feito de mármore sólido. Tal extravagância, no entanto, mostrara-se inviável e, em vez disso, o arco foi construído com madeira e gesso. Ao relento, a pintura foi descascando e o arco começou a se desmanchar. Sua demolição ocorreu antes do fim do inverno — mais ou menos na mesma época em que o país definhou.

O desaparecido arco, colossal e de um branco estonteante, emprestava um tremor fantasmagórico ao Madison Square. Colette sentiu isso. Chegou a olhar para trás para ver se alguém a observava. Mas virou-se na direção errada. Não olhou do outro lado da Quinta Avenida, onde, por trás de carros apressados e de ônibus chacoalhantes, um par de olhos realmente fixava-se nela.

Os olhos pertenciam a uma figura feminina solitária, quieta, com maçãs do rosto magras e pálidas e de compleição tão esquelética que, a julgar pela aparência, não poderia ameaçar sequer uma criança. Um lenço escondia a maior parte de seu cabelo seco e vermelho, e um vestido surrado do século anterior chegava-lhe aos tornozelos. Era impossível dizer sua idade: podia ser tanto uma inocente de catorze anos como uma esquelética de cinquenta e cinco. Havia, porém, uma peculiaridade em seus olhos. A íris, do azul mais claro, era salpicada de impurezas castanho-amareladas, como corpos flutuando num mar tranquilo.

Ente os veículos que bloqueavam o caminho da mulher e a impediam de

atravessar a Quinta Avenida, havia um carroção de entregas que se aproximava, puxado a cavalo. Ela lançou um olhar calmo ao carroção. O animal que trotava a viu com o canto do olho. Ele pisou em falso e empacou. O condutor berrou; veículos se desviaram, pneus guincharam. Não houve colisões, mas um visível caminho abriu-se em meio ao tráfego. Ela atravessou a Quinta Avenida sem ser perturbada.

Littlemore os conduziu para uma barraquinha de rua perto das escadarias do metrô, propondo que comessem “cachorros” de almoço, o que exigiu que os homens explicassem à estarecida jovem francesa os ingredientes dessa mais recente sensação culinária, o cachorro-quente. “A senhorita vai gostar, eu prometo”, disse Littlemore.

“Vou?”, ela replicou, duvidando.

Ao chegar ao outro lado da Quinta Avenida, a mulher de lenço na cabeça colocou uma mão de veias azuladas sobre o abdome. Era evidentemente um sinal ou um comando. Não longe dali, a fonte do parque cessou de jorrar e, quando os últimos jatos de água caíram no tanque, outra mulher ruiva surgiu em cena, tão parecida com a primeira que era quase o seu reflexo, porém menos pálida, menos esquelética, o cabelo esvoaçando livremente. Ela também pôs a mão sobre o abdome. Na outra mão, trazia uma tesoura de lâminas curvas e poderosas. Ela partiu em direção a Colette.

“Ketchup, senhorita?”, ofereceu Littlemore. “A maioria das pessoas come com mostarda, mas eu prefiro ketchup. Aí está.”

Colette aceitou o cachorro-quente desajeitadamente. “Tudo bem, vou provar.”

Usando ambas as mãos, deu uma mordida. Os dois homens ficaram observando. O mesmo fizeram as duas ruivas, que se aproximaram vindas de diferentes direções, além de uma terceira ruiva, próxima ao mastro de uma bandeira perto da Broadway, que usava, além do lenço na cabeça, um cachecol de lã enrolado mais de uma vez em torno do pescoço.

“Mas é bom!”, Colette exclamou. “O que você pôs no seu?”

“Chucrute, senhorita”, explicou Littlemore. “É uma espécie de repolho, azedo, hã...”

“Ela sabe o que é chucrute”, interrompeu Younger.

“Quer um pouco?”, ofereceu Littlemore.

“Sim, por favor.”

A ruiva que estava sob o mastro da bandeira lambeu os lábios. Nova-iorquinos apressados passavam a seu lado sem prestar atenção nela — ou no cachecol, que o clima não justificava e que parecia sobressair estranhamente

de sua garganta. Ela ergueu a mão até a boca; pontas de dedos inchadas tocaram os lábios abertos. Ela começou a caminhar em direção à jovem francesa.

“E o centro da cidade?”, Littlemore perguntou. “Gostaria de ver a Brooklin Bridge, senhorita?”

“Gostaria muito”, disse Colette.

“Então venha comigo”, convidou o detetive, deixando duas moedinhas de gorjeta na barraquinha de cachorro-quente. Em seguida, andou até o topo das escadarias do metrô. Verificou os bolsos: “Vamos lá, precisamos de mais uma moeda de cinco centavos”.

Ouvindo o detetive, o vendedor de rua começou a remexer em sua caixa de troco, quando viu três figuras estranhamente similares aproximando-se de sua barraca. As duas primeiras tinham se juntado, tocando os dedos ao caminhar. A terceira avançava sozinha vindo da direção oposta, segurando seu grosso cachecol de lã junto à garganta. O comprido garfo do vendedor escorregou de sua mão e sumiu dentro de um caldeirão de água fervente. Ele parou de procurar moedas.

“Eu tenho uma”, disse Younger.

“Então vamos”, replicou Littlemore. E, trotando, desceu as escadarias. Colette e Younger o seguiram. Tiveram sorte: um trem para o centro estava entrando na estação; conseguiram pegá-lo no último instante. A meio caminho da saída da estação, o trem parou com um solavanco. As portas rangeram e se abriram, fecharam-se novamente com estalos e voltaram a se abrir de repente. Decerto alguns retardatários haviam induzido o condutor a deixá-los entrar.

Nas estreitas artérias da baixa Manhattan — eles voltaram à superfície em frente à prefeitura —, Younger, Colette e Littlemore foram arrastados pela aglomeração da massa humana. Younger respirou fundo. Adorava a abundância urbana, seu senso de propósito, sua beligerância. Era um homem confiante; sempre fora. Pelos padrões americanos, Younger era muito bem-nascido: um Schermerhorn por parte de mãe, um primo próximo dos Fish de Nova York e, por parte de pai, um Cabot de Boston. Essa elevada genealogia, que atualmente lhe era indiferente, o desagradara na juventude. O senso de superioridade de que sua classe desfrutava parecia-lhe tão patentemente não merecido que ele resolvera fazer o oposto de tudo o que se esperava dele — até a noite em que seu pai morreu e a necessidade se fez presente, o mundo se tornou real e toda a questão de classe social cessou de interessá-lo.

Mas esses dias há muito tinham se passado, varridos por anos de trabalho incansável, realizações, guerra, e nesta manhã nova-iorquina Younger

experimentava uma sensação de quase invulnerabilidade. Ele refletia, porém, que isso provavelmente se devia apenas ao fato de saber que não havia atiradores ocultos mirando sua cabeça nem bombas assobiando pelo ar para arrancar suas pernas. A menos que fosse o contrário: que o pulsar da violência em Nova York fosse tão atmosférico que um homem que tivesse lutado na guerra podia respirar aqui, podia sentir-se em casa, podia alongar os músculos ainda tensos pelo brutal efeito subsequente a uma desinibida matança — sem por isso se transformar num desajustado ou num monstro.

“Devo contar a ele?”, Younger perguntou a Colette. À direita deles erguiam-se arranha-céus incompreensivelmente altos. À esquerda, a Brooklyn Bridge pairava acima do Hudson.

“Não, eu conto”, respondeu Colette. “Lamento tomar tanto do seu tempo, Jimmy. Eu já devia ter lhe contado.”

“Tenho todo o tempo do mundo, senhorita”, disse Littlemore.

“Bem, provavelmente não é nada, mas na noite passada uma moça apareceu no nosso hotel à minha procura. Nós tínhamos saído, então ela deixou um bilhete. Aqui está.” Colette tirou da bolsa um pedaço de papel amassado. Continha uma mensagem escrita à mão, rabiscada às pressas:

Por favor, eu preciso ver você. Eles sabem que você está certa. Volto amanhã de manhã às sete e meia. Por favor, você pode me ajudar.

Amelia

“Ela nunca apareceu”, acrescentou Colette.

“Você conhece essa Amelia?”, perguntou Littlemore, virando o pedaço de papel sem achar nada do outro lado.

“Não.”

“Eles sabem que você está certa?”, Littlemore prosseguiu. “Em relação a quê?”

“Não consigo imaginar”, respondeu Colette.

“Há mais uma coisa”, disse Younger.

“Sim, é o que ela pôs dentro do bilhete que está nos preocupando”, explicou Colette, pescando algo na bolsa. Entregou ao detetive um chumaço de algodão branco.

Littlemore abriu o algodão. Enterrado dentro do chumaço havia um dente — um pequeno e reluzente molar humano.

Uma saraivada de obscenidades os interrompeu. A causa era uma passeata na Liberty Street, que acabara interrompendo o tráfego. Todos os participantes eram negros. Os homens vestiam suas melhores roupas de domingo — as melhores roupas maltrapilhas, com mangas curtas demais —, embora

estivessem no meio da semana. Crianças magrelas andavam descalças entre os pais. A maioria cantava; o hino religioso se sobrepunha aos insultos dos espectadores e à ira dos motoristas.

“Segure seus cavalos”, anunciou um policial à paisana, pouco mais velho que um menino, a um condutor mais agressivo.

Littlemore, pedindo licença, aproximou-se do rapaz. “O que você está fazendo aqui, Boyle?”

“O capitão Hamilton nos enviou, senhor”, respondeu Boyle, “por causa da passeata dos crioulos.”

“Quem está patrulhando a Bolsa?”, perguntou Littlemore.

“Ninguém. Estamos todos aqui. Devo acabar com essa passeata, senhor? Parece que vai haver tumulto.”

“Deixe-me pensar”, respondeu Littlemore, coçando a cabeça. “O que você faria no dia de são Patrício se alguns negros estivessem provocando tumulto? Acabaria com a passeata?”

“Eu acabava com os negros, senhor. Acabava com eles direitinho.”

“Então, rapaz, é a mesma coisa aqui.”

“Sim, senhor. Muito bem, pessoal”, o policial berrou aos participantes da passeata à sua frente, puxando o cassetete, “fora das ruas, todos vocês.”

“Boyle!”, gritou Littlemore.

“Senhor?”

“Os negros, não.”

“Mas o senhor disse...”

“Você acaba com os desordeiros, não com os que estão na passeata. Deixe passar os carros a cada dois minutos. Essa gente tem o direito de marchar exatamente como todo mundo.”

“Sim, senhor.”

Littlemore voltou para junto de Younger e Colette. “Certo, o dente é meio esquisito”, disse. “Por que alguém haveria de lhe enviar um dente?”

“Não faço ideia.”

Os três prosseguiram em direção ao centro. Littlemore segurou o dente ao sol, girando-o. “Limpo. Em boa condição. Por quê?” Olhou novamente para o pedaço de papel. “O bilhete não traz o seu nome, senhorita. Talvez não fosse endereçado a você.”

“O recepcionista disse que a moça perguntou pela senhorita Colette Rousseau”, disse Younger.

“Pode ser alguém com um sobrenome semelhante”, sugeriu Littlemore. “O Commodore é um hotel grande. Há dentistas por lá?”

“No hotel?”, perguntou Colette.

“Como você sabia que estávamos no Commodore?”, perguntou Younger.

“Os fósforos do hotel. Você acendeu o cigarro com um deles.”

“Esses fósforos horrorosos”, disse Colette. “Com toda certeza Luc está brincando com eles neste momento. Luc é o meu irmão menor, tem dez anos. Stratham lhe dá os fósforos como brinquedos.”

“O garoto desmontou granadas de mão na guerra”, Younger disse a Colette. “Não vai acontecer nada com ele.”

“O meu filho mais velho tem dez anos — nós o chamamos de Jimmy Júnior”, disse Littlemore. “Seus pais também estão aqui?”

“Não, somos só nós dois. Perdemos a família na guerra.”

Estavam entrando no Distrito Financeiro, com suas fachadas de granito e torres vertiginosas. Corretores independentes, de terno, leiloavam valores em plena calçada, debaixo do sol de setembro.

“Lamento muito, senhorita”, disse Littlemore. “Por sua família.”

“Não é nada de especial”, ela respondeu. “Muitas famílias desapareceram. Meu irmão e eu tivemos sorte de sobreviver.”

Littlemore lançou um rápido olhar a Younger, que percebeu mas não deu mostra disso. Younger sabia o que Littlemore estava imaginando — como perder a família não era nada de especial? —, porém Littlemore não vira a guerra. Caminharam em silêncio, cada um imerso nas próprias reflexões. O resultado foi que nenhum dos três ouviu a criatura aproximando-se por trás. Mesmo Colette estava desatenta, até sentir um bafo quente em sua nuca. Ela se retraiu e gritou assustada.

Era um cavalo, uma velha égua baia, resfolegando forte devido ao peso da sobrecarregada carroça de madeira em ruínas que vinha puxando. Colette, aliviada e arrependida, estendeu a mão e apertou uma das orelhas do cavalo. A égua abriu as ventas em sinal de prazer. O condutor sibilou, golpeando o dorso do animal com o chicote. Colette recolheu a mão. A carroça com capota de juta passou por eles nos paralelepípedos da Nassau Street.

“Posso lhe fazer uma pergunta?”, disse Littlemore.

“Claro”, respondeu Colette.

“Quem em Nova York sabe que a senhorita está aqui?”

“Ninguém.”

“E a velha senhora que vocês dois visitaram nesta manhã? Aquela com todos aqueles gatos, que gosta de abraçar as pessoas?”

“A senhora Meloney? Não, eu não disse a ela em que hotel...”

“Como é possível que você saiba disso?”, interrompeu Younger, acrescentando para Colette: “Eu nunca disse nada a ele sobre a senhora Meloney”.

Estavam se aproximando da intersecção das ruas Nassau, Broad e Wall — o centro financeiro da cidade de Nova York, possivelmente do mundo.

“Na verdade é meio óbvio”, explicou Littlemore. “Vocês dois estão com pelo de gato nos sapatos, e no seu caso, doutor, também na barra da calça. Diferentes tipos de pelo de gato. Portanto, eu imediatamente soube que ambos estiveram nesta manhã em algum lugar com um monte de gatos. Mas a senhorita também tem no ombro dois fios de cabelo longos, grisalhos — cabelo humano. Portanto, deduzo que os gatos pertenciam a uma senhora de idade e que vocês dois lhe fizeram uma visita de manhã, e ela deve ser do tipo que gosta de abraçar, porque foi assim que...”

“Tudo bem, tudo bem”, interrompeu Younger.

A carroça puxada pela égua se deteve em frente ao Banco Morgan. Os sinos da Trinity Church começaram a ressoar e as ruas começaram a se encher de milhares de funcionários de escritório liberados do confinamento para sua preciosa hora do almoço.

“Em todo caso”, retomou Littlemore, “eu diria que há uma grande possibilidade de Amelia ter aparecido à procura de outra pessoa, e o recepcionista se confundiu.”

Buzinas começaram a soar iradas atrás da carroça estacionada, cujo condutor desaparecera. Nos degraus do Tesouro, uma mulher ruiva estava parada sozinha, a cabeça envolta num lenço, observando a multidão com um olhar penetrante mas tranquilo.

“Mesmo assim, me parece que Amelia pode estar com algum problema”, prosseguiu Littlemore. “Você se importa de eu ficar com o dente?”

“Fique à vontade”, disse Colette.

Littlemore enfiou o chumaço de algodão no bolso superior do paletó. Na Wall Street, atrás da carroça, um corpulento chofer de praça saiu do carro, braços erguidos num apelo cheio de razão.

“Incrível”, disse Younger, “como aqui nada mudou. A Europa voltou à Idade das Trevas, mas na América o tempo parece que tirou férias.”

Os sinos da Trinity Church continuaram a badalar. Cinquenta metros à frente de Younger, o chofer de praça ouviu um ruído estranho vindo do interior da carroça com capota de juta, e uma luz fria tomou conta dos olhos da mulher ruiva que estava nos degraus do Tesouro. Ela vira Colette; desceu as escadas, e, inconscientemente, as pessoas abriram passagem.

“Eu diria o contrário”, replicou Littlemore. “Tudo está diferente. A cidade inteira está extremamente inquieta.”

“Por quê?”, perguntou Colette.

Younger não os ouvia mais. De súbito estava na França, não em Nova York, tentando salvar a vida de um soldado de um braço só numa trincheira inundada de água gelada até o joelho, com o grito fatal e dilacerante de bombas enchendo o ar.

“Sabe”, disse Littlemore, “falta de emprego, todo mundo falido, pessoas sendo despejadas, greves, tumultos — e aí eles vêm com a Proibição.”

Younger olhou para Colette e Littlemore; eles não ouviam o grito agudo da artilharia. Ninguém ouvia.

“A Proibição”, repetiu Littlemore. “Essa deve ser a pior coisa que alguém já fez a este país.”

Diante do Banco Morgan, um chofer de praça curioso puxou um dos cantos da juta comida pelas traças. A mulher ruiva, que acabara de passar por ele, parou, intrigada. As pupilas de suas íris azuis claras dilataram-se ao olhar de novo o chofer, que sussurrou: “Que Deus tenha misericórdia”.

“Abaixem-se”, disse Younger, forçando Littlemore e Colette a se ajoelhar. Eles não entenderam nada.

A Wall Street explodiu.